



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC.- 138

LIV.- 01

FAG.- 01

REG.- 015

" PANCHO "

de TITE DE BEMOS

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

PEÇA TEATRAL

Distribuição

18 ANOS C/CORTES

015/68

XXXXXX DA PEÇA: - " PANCHO " -

XXXXXX AUTOR: - TITE DE LEMOS -

c/cORTES

12 JANEIRO 69

12 JANEIRO 68

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

APca/



[Signature]
MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO

-015/68-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0086, p.3

- 015/68-

-01-

PEÇAS TEATRAIS,

A - " PANCHÔ " - (DE TITE DE LEMOS)

A ~~XXXX~~ PEÇA

XX
XX
XX
XX
XX

XX
XX

01

AUTOR: - TITE DE LEMOS -

x

A

12

JANEIRO

68

A

A ~~XXXX~~ PEÇA,

XX
XX
FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, COM A
IMPROPRIEDADE PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS E C/CORTES NAS PALAVRAS
E FRASES GRIFADAS NAS PÁGINAS 01-03-06-10-15-17-18-24-25-27-E-28 DO /
SCRIPT APRESENTADO AO SCDP. (OBSERVÂNCIA NA GRAVAÇÃO EXTERNA)
12 JANEIRO 68


Chefe da TCTC/SC/SCDP

Ilmo. Sr. Chefe da Seção de Censura Federal na Guanabara

*Encaminhe-se ao A.C.D.P.,
em Brasília, pf fins de
Censura, de acordo com a Portaria
nº 768/67/Em 27.12.67*

Prezente
CREUSA CARVALHO, abaixo assinada,

vem solicitar de V.Sa. que se digne mandar examinar, para fins de censura, os originais da peça "PANCHO", de Tite de Lemos, associado da S.B.A.T. - Sociedade Brasileira / de Autores Teatrais, enviando anexas, três cópias da peça em questão.

Atenciosamente

Rio, 27 de dezembro de 1967

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - CB	
SEÇÃO CENSURA FEDERAL	
PROTOCOLO N.º	16281
DATA	27 / 12 / 1967
ASSINATURA	

*Para a Secretaria
enviar 12) certificado
e dois scripts da peça
em apêndices.
DF, 12-01-1968
Recebido - Fun 12-01-68*

"Paucho"

Em minha opinião pessoal, a Peça "Paucho", de Tite de Lencos, poderia ser liberada para maiores de 18 anos, rigorosamente.

Contudo, em face dos critérios gerais estabelecidos por esta comissão, opinio pela liberação afirmada, mas com vários cortes no texto, e chamando a atenção dos leitores para a caracterização dos atores em diversas passagens. Os cortes estão anotados no texto da peça e suas cópias.

Brasília, 12/12/67



A large, stylized handwritten signature in dark ink, written over the bottom right of the stamp and extending towards the bottom right corner of the page.

Pancho

Tite de Lemos

C / CORTES

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

1

Os espectadores entram na sala e encontram Pancho dorme
ado em uma poltrona da 4a. ou 5a. fila, o rosto cober-
to por um jornal. Todas as luzes da sala ainda acesas
(o palco às escuras), os atores (off) começam a cantar:

Corte

Salve, lábaro augusto, enenás!

Nosso símbolo sempre serás
Esperança sempre existirá
No esplendor em que sempre haverás

De brilhar, de brilha-ar, de brilha-ar,
De brilhar, brilhar, brilhar,
De brilhar, de brilha-ar, de brilha-ar, (estribilho)
De brilha-a-a-a-a-a-ar!

Nos teus lindos, formosos retratos
Vemos a luz puríssima, luz
Que nos guia e dirige no mato!
Caminhemos, avante, cia, sus!

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Caminhemos, minhe-emos, minhemos,
Caminhe-emos, minhém,
Caminhemos, ninhe-emos, minhemos, (estribilho)
Caminhe-e-e-e-e-emos!

Coroados aí estás, que gentil!
Por garridos e ledos florões!
Juvenil, eterno adornecido,
Ris-te e zombas dos feros grilhões!

Juvenil, juveni-il, juveni-il,
 Juveni-il, juvenil, (ostribilho)
 Juvenil, juveni-il, juveni-il,
 Juveni-i-i-i-i-i-il!

Tu, gigante, vibrante ananás
 Neste berço te deixes ficar
 E enquanto isso vamos batalhar.
 Não te novas, não gastes teu gás!

Gigantesco, gigante, gigantesco,
 Gigantesco, gigantão, (ostribilho)
 Gigantesco, gigante, gigantesco,
 Gigante-eee--e-e-esco!

e o cântico cresce progressivamente de intensidade - de pianissimo a fortissimo. Todos os atores surgem finalmente pela platéia, cantando a plenos pulmões. (As luzes do teatro ainda acesas). Vão-se deitando no chão da platéia, sempre cantando. Pancho continua deitado na poltrona, coberto pelo jornal. O cantar é interrompido bruscamente pelo black-out total.

2

Black-out ainda, uma voz adulta, grave mas doce:

- Cante, Panchito, o hino que você aprendeu na escola pra seus tios ouvirem. Seja bonzinho, Pancho, cante.

coll
A voz ténida de uma criança canta "Salvo, lábaro augus-
to, ananás! etc." acompanhada de piano. Ao final, vo-
zes adultas:

- Muito bom, isso é que é um menino bonito.
- Um menino de ouro.
- Uma gracinha.
- Um amor de menino.

3

Black-out ainda, os atores ainda deitados no chão da platéia, Pancho ainda derreando em sua poltrona gene a-
flitivamente durante cêrca de três longos minutos, ao
fim dos quais, Pancho orgasmando, acendem-se de cho-
fre tôdas as luzes do palco e da platéia, enquanto ao
mesmo tempo irrompe, aos berros, o Mambo Jambo. Uma
das atrizes, que de preferência deve ter certa abundân-
cia de carnes, levanta-se de um salto e põe-se a dan-
çar na platéia. Os demais atores, sempre deitados, mar-
cam eventualmente o ritmo com palmas. Nos momentos em
que na música se costuma gritar "mambo!", a atriz que
está dançando e os outros atores gritam "Pancho!" A a-
triz chega bem perto de alguns espectadores e especta-
doras, mexe com ôles e provoca-os, percorrendo tôda a
sala, dançando sempre. A partir de um determinado mo-

Não pode
caracterizar
"Strip. Tease".
Atuação da
finalizada

mento, começa a se desvencilhar de suas roupas até ficar de biquíni. Durante o número, Pancho grita e uiva de gozo, sempre coberto pelo jornal. Finalmente, ardendo de desejo, ergue-se, abandona seu lugar e corre alucinado atrás da atriz, que apanha suas roupas e foge, desaparecendo por uma saída lateral antes que Pancho a alcance. Interrompe-se súbito o Mambo Jambo e os outros atores, ainda deitados, cantam:

Tudo não passou de um sonho,

Ela foi embora e o sonho

Terminou assim, tristonho.

Tudo não passou de um sonho. (repete-se,
piano, várias vezes).

Tôdas as luzes vão caindo mansamente ao som das notas da canção, enquanto Pancho caminha até o palco e se abate em uma poltrona. Black-out.

4

Luz sobre Pancho arriado na poltrona. Um ator põe-se de pé na platéia e fala:

- Pancho, você está com as unhas muito sujas. Quantas vezes eu preciso lhe dizer que você deve andar de unhas limpas? É muito feio um menino que anda assim desleixado. Os seus colegas andam assim descuidados como você?

(Pancho imóvel sempre, o olhar fixo). Olhe para mim, Pancho, quando sua mãe falar, você deve olhar para ela. (Pancho nem pisca o olho). O que há de pensar de você com estas unhas? Que você é um menino que não tem nada. E graças a Deus não lhe falta nada. Já lhe disse que você deve olhar para mim quando eu falar, Pancho. Garanto que você ainda não fez nenhuma boa ação hoje. (Pancho sempre imóvel. Outra atriz se levanta e se põe a falar. O ator que estava falando retoma sua arenga, em tom um pouco mais baixo, mas simultânea com a fala da atriz):

- Senhor Pancho, as suas notas andam muito baixas. Quantas vezes eu já lhe disse que o senhor deve se dedicar mais? É muito feio um rapaz que não estuda, não se aplica. O senhor acha que assim tem condições de passar de ano? (Pancho imóvel sempre, o olhar fixo). Olhe para mim, senhor Pancho, quando o professor falar o senhor deve olhar para ele. (Pancho nem pisca o olho). O que há de dizer seus pais quando virem estas notas? E no entanto, posso falar de consciência limpa, graças a Deus aqui não lhe falta nada. Já lhe disse que o senhor deve olhar para mim quando eu falar, senhor Pancho. Garanto que o senhor ainda nem pegou nos livros hoje. (Pancho sempre imóvel. Outro ator se levanta na platéia e começa a falar, ao mesmo tempo em que os dois anteriores recome -

çam suas falas, em tom mais baixo):

- Funcionário Pancho, o seu rendimento está caindo muito. Quantas vezes será preciso dizer que o senhor deve ser mais eficiente? É muito desagradável vê-lo chegar diariamente atrasado. O senhor supõe que conseguirá progredir na vida? (Pancho imóvel sempre, o olhar fixo). Quando seu superior fala, o senhor deve prestar atenção no que ele está dizendo. (Pancho nem pisca o olho). Francamente, o senhor acha que faz jus ao que recebe? E no entanto, estou tranqüilo no que me diz respeito, graças a Deus sei que o senhor não encontraria nada melhor. O senhor é mesmo um desatencioso, nem escuta o que lhe digo, funcionário Pancho. Aposto como até agora ainda não produziu nada. (Pancho sempre imóvel. As vozes simultâneas são uma cadenciada ladainha. Outro ator se levanta na plateia e começa a falar, enquanto os outros retomam suas perorações em tom mais baixo):

- Companheiro Pancho, você está se tornando muito relapso. Quantas vezes já lhe dissemos que é preciso trabalhar muito para derrubar isso que está aí? Você está sempre a discutir nosso programa, nossas recomendações. Você acha que consegue derrubar sozinho isso que está aí? (Pancho imóvel sempre, o olhar fixo). Quando recomendamos calma, sabemos o

coite / que estamos fazendo, sabemos que só é fecunda a discussão profunda. Com franqueza, você acha que podemos confiar em você? E no entanto, acho que já fomos pacientes demais, você não tem mesmo vocação revolucionária. E você não tem nada a dizer em sua defesa, companheiro Pancho? Posso garantir que ainda não cumpriu a tarefa que lhe confiamos. (Os quatro atores recomeçam suas discursões do ponto inicial, a esta altura todos andando pela sala, repetindo as palavras como se estivessem decorando suas lições. Pancho permanece imóvel e reflexivo por alguns momentos. Depois, com toda a calma, levanta-se. Do palco, dispara sua metralhadora contra o ator que foi o primeiro a falar, e que cai com horríveis convulsões, o corpo ou os braços sobre o colo de um(a) espectador(a). Os demais continuam a recitar seu palavrório, caminhando ainda pela sala, alheios ao que ocorre à volta. Pancho repete a operação com cada um dos outros atores, que morrem idem, ibidem. (A cena é muito fria, sem ais na hora da morte, sem gritos ou correrias).

5

Sem intervalo, uma voz feminina, doce, aliciante:

- Meu bom Pancho, a vida, os pássaros, o sol!
Como pôde deixar que a esperança morresse em

um coração tão jovem?

Pancho - Vá pro diabo que/a carregue.

A voz argumenta, cada vez mais doce:

- Um mço com tantas possibilidades, tantos horizontes. Diga, Pancho, há algo de errado?

Pancho urra e se põe a dar pontapés nas coisas que encontra pelo palco e pela platéia. As luzes da platéia se acendem repentinamente.

6

Todos os atores que estavam mortos se levantam de um salto e correm para o ponto em que está um deles, que fala, orador de voz empolada, os pés lambidos pelos outros atores:

- Tantos sacrifícios não podem ter sido vãos. A causa da liberdade será sempre alimentada enquanto houver esperança. Uma nova era se abre para este país.

Pancho, que continuava a depredar palco e a platéia, põe-se em alerta ao ouvir as palavras do orador. Caminha até o ponto em que estão ele e seu séquito de lambedores e os ameaça com sua metralhadora. Acusados, o orador e seu séquito recuam diante de Pancho, escondendo-se nos lugares que encontram pela sala inteira, escu-

dam-se em espectadores, com ais e choros. Fazem alguns espectadores se levantar, procurando ocultar-se atrás d'êles. Pancho afasta os espectadores e implacável continua a sua caçada aos atores. Consegue finalmente acú-los em um determinado ponto, empurra-os para o foyer (o pânico é cada vez maior, a gritaria é infernal). Os espectadores estão na platéia e ouvem a metralhadora de Pancho extinguir os gritos todos. (A cena é o contrário da anterior, porque deve levar ao paroxismo da exasperação, do nervosismo e da baderna). Depois o grito tremendo e tonitruante de vitória de Pancho:

- A esperança será fundada quantas vezes for necessário!

Pancho volta do foyer e vai dizendo, enquanto caminha para o palco com passadas largas:

- Quem quiser pode sair que a primeira parte acabou.

Os espectadores que saírem encontrarão os mortos no foyer.

7

Black-out. No foyer, uma voz:

- Viva Nepta!

Côro:

- Rei!

A voz:

- Viva Hepta!

Côro:

- Rei!

Luz no palco. A atriz que havia dançado na primeira parte canta:

Hepta és o mais formoso
Hepta és o mais bondoso
Hepta és o mais poderoso
Hepta és heptacampeão de natação
Hepta és a alegria dos homens à tua volta
Hepta as mulheres te amam como a nenhum outro
amaram
Hepta és na terra e Deus no céu
Sete vezes és Hepta, sete vezes

ao pé do suposto trono de Hepta. Do foyer, surgem dois atores, um cego conduzido por seu guia. Fala o profeta, enquanto a atriz-trovadora se curva numa reverência sem fim:

- Prevejo sete anos de vida e prosperidade para ti, Hepta, e teu poder. Sete anos transcorrerão depois, de prosperidade ainda maior para ti e teu poder, augusto Hepta. Sete a-

nos virão ainda, Hepta, em que teu poder exercerá. E em diante, assim, até que os séculos estejam consumidos, justo Hepta. Bastará um pouco de ajuda externa para superar as dificuldades. As previsões de certos falsos profetas do século passado estão falhando uma a uma. O mundo continuará em sua maior parte um mundo livre ainda por muito tempo. O obscurantismo não triunfará.

Relâmpagos, chuvas e trovoadas. O profeta conclui:

- Glória a Hepta. Sete vezes sete, glória a Hepta.

Do foyer, um apêlo:

- Mostra-te, Hepta, em tua infinita formosura!

Mostra-se Hepta, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Do foyer,
o clamor:

- Viva Hepta!

Todos:

- Rei!

Black-out. Aleluia de Haendel.

*Observação
rigorosa para
a caracterização
Cav.*

8

Luzes. Do foyer, um pedido:

- Me ajudem, que eu não aguento sozinho com a máquina!

Aparecem dois atores, os cientistas. Vão até o foyer. Saem com um terceiro, também cientista, carregando a máquina-homem em direção ao palco. Colocam-na no centro e se põem a operá-la. Roncos, arfares, ruídos da máquina-homem.

A máquina - R-80-X-11, R-80-X-11, R-80-X-11.

1º cientista, -fazendo a máquina calar-se com uma pancada - É só o que ela sabe dizer. E Hepta, o que há de dizer?

2º cientista - O de hábito. Incompetentes, incompetentes...

3º cientista - Até perder a paciência. Incompetentes, incompetentes...

O 1º cientista ^{vinha} ~~vinha~~ tentando fazer a máquina-homem funcionar, mas acaba perdendo ele a paciência.

1º cientista - Bloqueou de novo essa porcaria. E agora o que fazer?

Os outros cientistas tentam fazer funcionar a máquina emudecida.

1º cientista - Algum dos presentes entende de computadores eletrônicos?

Os outros cientistas continuam tentando fazer a máquina-homem ~~manifestar-se~~ manifestar-se. Quase com certeza nenhum espectador terá a coragem ~~para~~ ou a simplicidade d'alma de apresentar-se, e o cientista insistirá:

- Mesmo que não entenda, não tem importância, sempre pode ser uma ajuda, quem sabe tem mais jeito que nós, às vezes é uma questão de jeito, um leve toque e a máquina funciona que é uma maravilha.

Se, ainda assim, nenhum espectador apresentar-se, o que continua a ser provável, o ator deve indicar pessoas na platéia:

O senhor aí, não se arrisca? O senhor tem mais ar de cientista que nós. E o senhor lá, quem sabe não terá sorte? Vamos, não se acanhe.

Vai buscá-lo na platéia. Tenta trazê-lo, e se não o conseguir, deve tentar outro e mais outro, até conseguir levar alguém ao palco. Uma vez diante da máquina, o espectador deve ser estimulado a fazer isso ou aquilo com ela:

- Puxe este botão.

O ator refere-se ao nariz.

- E este outro, uma torcidazinha de leve.

Agora à orelha. Após um certo tempo de tentativas frustradas, a máquina-homem começa a fazer caretas e investe contra o espectador. Os cientistas se precipitam e detêm a máquina, vociferando contra ela:

- Mas o que é isto?

- Desbloqueou, uai.

- Que máquina mais voluntariosa.

O espectador desce sob a escolta de um cientista. Os outros seguem tentando submeter a máquina-homem ao seu comando. Ao fim de algum tempo, e após novos ruídos - que deixam os cientistas outra vez excitados - a máquina-homem emite prolongados gemidos. Arfares pesados, e a máquina sentencia:

- F-9-H-200! ~~---~~ F-9-200! F-9-H-200!

Um dos cientistas se põe a fazer cálculos, enquanto os outros tentam agora, infrutiferamente, fazer parar a máquina, que disparou no "F-9-H-200, F-9-H-200". Súbito, o cientista que fazia os cálculos:

- AaaaH!!!! Aaaaah!!!

e assim várias vezes;

corre à máquina e beija-a, alucinado. Os outros cientistas consultam os cálculos que ele fez. A máquina-homem continua: "F-9-H-200, F-9-H-200, etc". O cientista, eufórico:

- Salvos! Salvos! Nós e a humanidade, salvos!
Uma vez por ano, bastará usa-la uma vez por
ano e fica afastado qualquer perigo de gra-
videz. Alegrai-vos, desventurados de todo o
mundo. A preço irrisório vossas mulheres es-
tarão imunes. Uma, duas, cinco, dez vezes
por dia, não importa. O prazer sem nêdo!

1º cientista - Vacinação em massa.

2º cientista - E, meu amigo, o Nobel de Ciência.

1º cientista - E as boas graças de Hepta.

3º cientista - O país foi salvo. A miséria é
um fantasma do passado!

A máquina-homem prossegue: "F-9-H-200, F-9-H-200, etc.",
enquanto os cientistas pulam para a platéia e confrater-
nizam com os espectadores, obrigando-os a se levantar
e a dançar com eles na comemoração do memorável feito.
Com o súbito black-out, os atores abandonam os especta-
dores, mas a máquina-homem não pára de repetir sua fór-
mula salvadora.

9

Música (flauta ou cravê, muito suave: os acordes de "Vô,
estão voltando as flôres").

Um jovem que passava com sua namorada - Vós?

Estão voltando as flôres...

Sua namorada - emite um longo suspiro..

O jovem - Vós? Nesta manhã tão linda...

Sua namorada - emite dois longos suspiros.

A máquina-homen^Voff a esta altura - continua a repetir:
"F-9-H-200, F-9-H-200, etc."

10

Um sininho toca ainda em black-out, e todos os atores
(menos Pancho) estão no palco, ajoelhados e muito con-
tritos, quando a luz acende. O sino toca muitas vezes.
Silêncio. Afinal um ator diz:

- Hora da caridade.

Com um saco sustentado por uma vara percorre a plateia
de ponta a ponta, apolando para os sentimentos carita-
tivos dos espectadores:

- Um óbulo para Santo Esdrúculo.

Insiste até que pelo menos alguns espectadores deposi-
tem sua esmola. Se ninguém se dispuser a colaborar, de-
ve usar de todos os artifícios: eventualmente mencionar
o nome de algum conhecido. Quando alguém deposi^{ta}tar su
a colaboração, deve diz^{er}:

- Santo Esdrúculo lhe dê em dobro.

Os demais atores continuam contritos no palco. Termina da a coleta, o ator volta ao palco. Com os outros, conta o dinheiro. Entrecolham-se, com ares desagradados. Dão de ombros, jogam as notas na plateia e saem limpando as mãos. Black-out.

11

Voz em black-out:

- É preciso praticar a caridade, meu filho.

Luzes. Surge Pancho, cavalgando um cavalo de pau. Música de Wagner. Um ator está de mendigo recostado na lateral do palco. Pancho vem cavalgando pela plateia. Aproxima-se do mendigo. Este lhe estende a mão, suplicante. Pancho faz o gesto de quem vai tirar dinheiro da algibeira. Reflete em seguida e logo decide aplicar vigorosas bastonadas no mendigo, que morre instantaneamente. Pancho prossegue impoluto em seu caminho para fora de cena, enquanto Wagner cresce de intensidade e o herói canta encaixando as palavras na música:

- Fiz a minha boa ação do dia, etc.

Black-out.

12

- Pancho, meu filho é preciso que eu seja vingado. Só tu sabes amar nesta terra porque só tu matas porque amas, Pancho. Então mata, Pancho, mata o rei que matou a alegria nesta terra. Kill, Pancho, kill the king. Tu és o meu filho mas o teu tempo não te entenderá e te crucificará. Mata, Pancho, mata o rei.

13

Uma voz empostada à la speaker brada, enquanto se acendem tôdas as luzes do teatro:

- Pancho acaba de receber uma importante missão: derrubar o tirano e restabelecer a alegria no reino de Hepta. Conseguirá êle cumprir esta árdua tarefa? Estará êle preparado para tão ingrata incumbência? Enquanto estas perguntas pairam no ar, os espectadores têm mais cinco minutos de trégua.

14

Um ator dubla no palco (com largos gestos e largo sorriso kolynos nos lábios - viva a vida! -) a voz feminina que canta.

Os espinhos não existem.

A delicada rosa é só perfume,
É só doçura, e só queixume
De amor.

O espaço é livre e não as andorinhas
Vêm tecer o seu verão.

Esqueça suas mágoas,

Venha, me dê a mão,

Venha enriquecer seu coração

Com o amor que eu tenho para dar.

O mundo é vasto e belo,

O mundo é mais mundo quando amamos.

O mundo é mais mundo e você é mais você
Quando há o amor.

(a música mais inofensiva
e adocicada que se possa imaginar), e enquanto isso sur-
gem dois atores na platéia, um a cavalgar o outro. A ^{du-} ~~du-~~
pla percorre toda a sala; o que é cavalgado ora submisso
ao comando de seu cavaleiro ora com arrancos de rebeldia,
momentos em que arremete contra espectadores. Contido
sempre pelo cavaleiro, que se desmancha em sardônicos
sorrisos de desculpa para os espectadores e pune a ind-
cibilidade do outro com cachações e esporadas, o caval-
gado termina estafado e resfolegante a sua viagem pela
sala. Desaba sobre mãos e pés, depois que o cavaleiro
utiliza seu dorso para subir até o palco, a tempo ainda
de juntar-se ao primeiro dublador para com ele fazer um
dueto não sem antes recompensar a montaria com cubi-
nhos de açúcar e as palavras:

- Um pouco de açúcar não faz mal a ninguém,
não é mesmo?

As últimas notas da suavíssima cançoneta morrem com as
luzes que se amortecem e por um longo instante fixam
as expressões de absoluta felicidade bovina dos dois du-
bladores, mais "viva a vida" que nunca, uma face cola-
da à outra, como nos finais dos números de alguns du-
os. Finalmente, o black-out.

15

Black-out para a voz espectral que convoca Pancho das
profundezas de sabe-se lá que limbo:

coll
- Depressa, Pancho. Então não vês o mundo
que o tirano fabricou? Não vês então? Por que
te esquivas, Pancho, se és o filho do homem?
Quisera poder dizer: Pancho rides again. É
preciso que eu seja vingado. Mata, Pancho, ma-
ta. Leva a espada, não a paz. Vê agora, Pan-
cho, vê o mundo que Hepta fez do mundo.

16

Atores comportam-se como sonâmbulos (ou posses-
sores de terreiro de macumba), vagando pela sala e pelo palco quan-
to o gravador reproduz uma entrevista de cinco minutos

a gravação
deve ser
apresentada
à censura

feita com várias pessoas escolhidas ao acaso, de preferência na rua, e a partir da pergunta "quais são as três palavras mais bonitas que você conhece?"

17

Voz, impessoal:

- Decidido afinal - acabou o tempo da reflexão, começa o da ação - Pancho prepara-se para matar Hepta.

Wagner. De novo a voz, sempre impessoal:

- Mas na curva do caminho Pancho encontra seu duplo.

Música de ruídos esquisitos, mas de efeito um tanto cômico, antes que apareça o duplo de Pancho: um ator trajado com uma fantasia grosseira de morte, dessas de que o carnaval do Rio está cheio: a túnica negra com as coxelas desenhadas em branco; o capuz com a caveira também desenhada em branco. A túnica deve, porém, cair à altura da canela, de modo a deixar ver boa parte das pernas cabeludas do ator e seus sapatos de uso cotidiano, se possível de cadáver.

O duplo - Olá, Pancho, como vai?

Pancho - ...

O duplo - Onde você ia apressado?

Pancho - Eu? A lugar nenhum, ora.

O duplo - Sim, ia, eu o conheço bem, Pancho.

Pancho - Você?

O duplo - Pois se eu sou você.

Pancho - Foi, não se esqueça. Foi.

O duplo - Então como você explica que eu esteja aqui, em osso e osso?

Pancho - Quem me deve explicações é você.

O duplo - Pancho agora anda armado. Quem diria. Aquêlê rapaz tímido e bem comportado.

Pancho - Pois é, aquêlê Pancho, isto é, você, morreu.

O duplo - Ora, eu sou aquêlê, triunfalmente de volta.

Pancho - Pois então morra.

Rajada de metralhadora. O duplo cai e Pancho vai verificar se ^(ele) está morto. Ouve-lhe o coração, toma-lhe o pulso, e, sem estar ^(muito) convencido, decide afastar-se, caminhando com cautela, quase pé ante pé.

O duplo - Ei, onde você vai?

Pancho - Mas eu acabei de matá-lo.

O duplo - Pois eu sou um ex-morto.

Pancho, irado, aproxima-se do outro, apontando a metralhadora. O duplo a afasta com o dedo e um ar de nojo.

O duplo - Você se tornou tão violento, Pancho. Antigamente, você era mais cordato, mais ponderado.

Pancho volta a assentar sua arma, e atira, mas o duplo se esquivava e os tiros não o atingem.

O duplo - Não me obrigue a morrer para ter de ressuscitar outra vez. Isto exige afinal um certo esforço de concentração que o clima positivamente não nos estimula a fazer. Seja mais compreensivo.

Pancho segura a metralhadora pelo cano e tenta aplicar uma bordoadada no seu duplo, que torna a se esquivar.

O duplo - Calma, Pancho. Não estou querendo nada de você. Quero apenas saber onde ia com tanta decisão.

Pancho - Matar o rei Hepta, se lhe interessa saber.

O duplo - O rei Hepta, hein? Sim, e por quê?

Pancho - Para restabelecer a alegria.

O duplo - A nossa velha tendência romântica, hein, Pancho? Lembra-te de nossas conversas? Só que agora é diferente, você agora anda armado. Posso acompanhá-lo ao palácio do rei Hepta?

Pancho - Se você quiser.

O duplo - Você conhece o caminho?

Pancho, caminhando decidido - É por aqui.

O duplo - Ei, espere! Você está completamente equivocado. Alguém te ensinou errado. O caminho é aquele.

Pancho hesita. Logo caminha na direção contrária à que o seu duplo lhe indicou.

O duplo - Ei, eu não falei que o caminho não fosse?

Pancho não lhe dá ouvidos e continua a caminhar.

O duplo, com um risinho sinistro na voz - Calma, amigo Pancho. Você prometeu que me deixava acompanhá-lo.

Corre para alcançá-lo.

18

Em black-out, uma voz, caliente, calhorda, declamadora:

"Ai! Querido amor-perfeito
Como vivi satisfeito
Quando te vi florescer!
Ai! Não houve criatura
No prazer e na ventura
Que me pudesse exceder."

Luzes: um ator, de maneiras elegantes, e ligeiramente efeminadas, o ar "nobre" dos atores "de tragédia" ou "de alta comédia", continua a dizer, com muita comção e dignidade, a versaria do Laurindo Rabelo:

"Ai! Sôca flor, de bom grado,

Se tanto pedisse o fado,
 Quisera sacrificar
 Liberdade e pensamento,
 Sangue, vida, movimento,
 Luz, olfato, sons e ar,
 Só para ver-te florente,
 Como quando o fogo ardente
 De uns olhos que raios são,
 Em breve, mas doce prazo,
 Te orvalhou naquele vaso
 Que já foi meu coração."

Começam aplausos entusiásticos no gravador, e quando o
 declamador se dispõe a agradecer, surge Pancho e o arras-
 ta pelo cangote para fora de cena. ^{Muito} ~~espantado~~ ^o outro se deixa levar sem resistência. Black-out.

19.

Uma voz, adulta, no escuro:

- Ora, Pancho, já que você é tão sabidinho,
 escreva uma peça de teatro para nós.

Entra uma fuga, cantada a quatro vozes, a partir do texto:

"Limpe as unhas"

Faça o bem.
 Ame a ordem.

Obedeça".

Luzes: quatro atores estão alinhados, cada um deles a levantar o braço na saudação nazi, num ballet de braços coordenado com o ritmo da música. De repente, rajada de metralhadora; todos caem. A voz:

- Espere, Pancho, esta sua peça não tem um único gesto de amor!

Urro off de Pancho. Black-out.

20

Uma voz em penumbra que deixa de sê-lo gradativamente, até o máximo de luminosidade:

- Hepta está atento. Tudo vê, tudo ouve, tudo sabe. Quem contra seu poder conspirar há de pagar caro, muito caro. Os dissolventes serão dissolvidos. As tentativas de desmoralização repelidas. Hepta está atento. Hepta está atento. Hepta está atento. Hepta está atento. Hepta está atento. Hepta está atento., etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

enquanto Pancho cobre de beijos, dos pés à cabeça, uma jovem que está de pé, os olhos cerrados.

Observe-se
a aca-
terização de
atriz.

21

Em black-out, uma voz, severa mas doce, persuasiva:

- Pancho, você é um incorrigível moleque. Mas estou certo de que o que lhe falta é sentir-se responsável por alguma coisa. No fundo você não é mau. Você precisa de um emprego, por exemplo. Olhe, vou lhe dar uma prova de que tenho, apesar de tudo, absoluta confiança em você, meu jovem.

Luzes. Pancho, educador, voz fanhosa:

- Vamos à lição sete, meus aluninhos. Repitam comigo: o vovô viu a Eva.

Côro de vozes infantis - O vovô viu a Eva.

Pancho - A uva da Eva é uma ova.

Os aluninhos em côro - A uva da Eva é uma ova.

Pancho, pondo docuras mil na voz - O ratinho rói a roupinha do reizinho.

Os menininhos - O ratinho rói a roupinha do reizinho.

Pancho, derramando-se ainda mais em docuras - O reizinho d'êste paisinho de bestinha é uma bestinha.

As inocentes criancinhas - O reizinho d'êste paisinho de bestinha é uma bestinha.

Pancho - Estou gostando de ver, aluninhas. Isso é que é vontade de aprender.

Contem-se

Ajeita o pince-nez.

Pancho - Continuemos, com o pensamento do dia; todos comigo: o trabalho dignifica e enobrece quem não trabalha.

As vozes infantis - O trabalho dignifica e enobrece quem não trabalha.

Pancho - Muito fraco; de novo: o trabalho dignifica e enobrece quem não trabalha.

Os aluninhos, esganicadinhos, a plenos pulmões - O trabalho dignifica e enobrece quem não trabalha.

Em seguida, Pancho tenta reger os espectadores, estimulando-os a repetir em coro toda a lição sete. Deve lidar com os espectadores com toda a descontração possível, deixá-los à vontade para que eles o sigam. Será legítimo aqui também (e recomendável) o recurso de individualizar os espectadores e/ou falar aos eventuais conhecidos. Ninguém por certo o acompanhará, de início. Pancho se dirigirá a um dos espectadores:

- O senhor lá, por exemplo, por que não repete? Está com medo ou é porque não concorda com o pensamento do dia? Ou é por causa da carapuça? O senhor é um dos que estão dignificados porque não trabalham?

Se este não reagir, deve procurar outro e mais outro, até haver alguma reação. Devem ser feitos todos os esforços para que se crie uma polêmica no teatro. Caso isto ocorra, o que é altamente desejável e saudável, o falatório deve ser interrompido por um rufar de tambores, que leva ao fragmento seguinte.

22

Pancho está diante de um pelotão de fuzilamento. Os outros atores assestam suas armas, enquanto uma voz lê a sentença:

- As tradições pacíficas desta nação futura-
sa repugna todo ato de violência. Mas as au-
toridades viram-se na contingência de abrir
uma exceção para punir exemplarmente um cida-
dão indesejável ao convívio social, e que não
mostra qualquer possibilidade de incorporar-
se àquelas tradições. Ao condenado, porém,
(afinal o regime é democrático) é reconhecido
o direito de fazer suas últimas declarações.

Corte

Pancho - O coco é um fruto do cazeiro, ár-
vore da família das nadegáceas, trazida para
o nosso país já no Século XVI, ainda nos pri-
mórdios da colonização. Querem alguns botâni-
cos de neneada que o cazeiro já era encon-
trado aqui e ali na terra antes mesmo da che-

gada dos descobridores. Mas quase com certeza esta teoria autóctone é menos exata que a outra, até mesmo porque foram os colonizadores os responsáveis pela adoção em massa do hábito de comer o saboroso fruto do cocoeiro, costume hoje largamente difundido, como se sabe, em todo o território deste reino, amém. Aos amantes incondicionais da deliciosa frutinha dá-se a denominação de coprófilos. Uma variedade do fruto ~~desta árvore~~ desta árvore, o coconut, é também bastante apreciada entre nós, embora menos que a espécie original. Saiba-se, por outro lado, que em cras mais prigas...

coste

Os tiros o interrompem. Pancho cai. Os tambores param e os atores se retiram, ~~enquanto um~~ enquanto um deles se aproxima de Pancho para o tiro de misericórdia. Pancho o detém, erguendo o corpo e falando:

- Shazam, shazam. Só depois que morrer Hepta.
Há que antes fundar a esperança.

Retira-se assobiando, ante o absoluto espanto do outro.

23

Uma voz, no escuro:

- Hepta, Hepta, Hepta, Hepta, Hepta, Hepta,

Hepta. Até que a alegria desapareça por completo da face da terra.

24

Pancho, enrodilhado no palco:

- Eis-me pois chegado à idade provecta. Diz, tu que aí estás, o que fizeste de tua juventude? O capitalismo e o seu cortejo de horrores ainda são um sólido edifício. Os impérios não ruíram. A esperança foi fundada mas não frutificou. O rei viveu; viva o rei. E tu, Pancho, tu, o que fizeste?

Pancho chora a juventude perdida:

- Ai de mim! Ah! mé!

Surge Mefistófeles, ao som do vento que ruge nos palmeirais e bate portas e janelas. Gargalhada abissal no gravador, enquanto todas as luzes do teatro se apagam e entra Mefistófeles, iluminado por uma lanterna que ele mesmo segura contra o peito, sob o queixo.

Mefistófeles - Se me venderes tua alma voltarás a ser jovem.

Pancho - Por quem me tomas? Por Fausto, sem dúvida?

Mefistófeles - Tous les hommes sont mortels.
Donc...

Pancho - Lá isto é verdade, filho do caos.

Mefistófeles, insinuante e sinuoso - Quantas coisas deixaste por fazer, Pancho? Quantas coisas poderias ainda fazer se fosses um jovem de... vinte anos?

Pancho - Demoníaco Mefistófeles. Força é reconhecer que tens carradas de razão.

Mefistófeles - Vês? Todos os homens são Faustos adormecidos, pobres mortais. É tocá-los com a ponta dos dedos e eles despertam.

Nova gargalhada abissal de Mefistófeles. Raios e trovões.

Pancho - Ganhaste, endiabrado Mefistófeles. Toma minha alma.

Dá a alma a Mefistófeles.

Pancho - Devolve-me a juventude.

Mefistófeles devolve a Pancho a sua juventude. Pancho esmurra o próprio peito, com uivos tarzânicos. Salta, ágil adolescente, até a porta do teatro.

Pancho - Adeus, Mefisto. Viajarei em busca do tempo perdido. Afinal, tudo está por fazer no terceiro mundo, tudo!

Mefistófeles, um ririnho canalha, voz, sussurrante - Pois boa viagem, amigo Pancho, boa viagem. Pancho, Pancho, irredimível romântico, Pancho, Pancho, arroz para o povo (crescendo

sempre, com a Liebestod de Wagner que também cresce), arroz para o povo, arroz para o povo (já aos berros!) arroz para o povo!

Entram, um a um, os outros atores, fantasiados de índios (como os índios do carnaval), e que materializam as palavras de Mefistófeles, arremessando sacos e punhados de arroz sobre a platéia, enquanto Mefistófeles ri (gargalhada abisso-triunfal pelo gravador), e se retira, também pela porta do teatro, sempre rindo, o Liebestod enchendo a sala.

25

Os atores-índios dão voltas pela sala, ainda atirando punhados de arroz e urrando:

- U -  - u - u - u - u - u.

Retiram-se pela porta do teatro, enquanto o gravador se põe a repetir indefinidamente:

- Palmas pra ela que ela merece, palmas pra ela que ela merece, etc.

enquanto as portas do teatro são abertas.

26

No foyer, os espectadores encontram os atores-índios fu

mando o cigarro da paz e se comunicando uns com os outros;

- Ugh?

- Ugh!